

## ENTRE-LUGARES DA CULTURA: POR ENTRE E INTER AS DIFERENÇAS E OS DILACERAMENTOS QUE NOS HABITAM

A Revista Expressa Extensão, da Universidade Federal de Pelotas, lança um número temático, cujo foco está nos “entre-lugares” da cultura. O interesse se origina da convicção da centralidade do pensar e do fazer cultural diante dos desafios sociais, políticos e econômicos interpostos por atuais reordenamentos espaço-temporais nas culturas e entre as culturas no mundo.

Atualmente, o pensar e o fazer a cultura realçam a existência de um sistema transnacional, promovedor de dependências e hierarquizações, oportunas aos centros de poder econômicos. Esse sistema busca, de forma ostensiva e sistematicamente, assegurar sua hegemonia, nas suas diversas expressões. Tal fato desfigura paisagens, a fisionomia, o ethos, as características e as fronteiras culturais e ideológicas e resulta em perspectivas de desenvolvimento, na maior parte das vezes, notadamente contraditórias.

Nesse sentido, é possível afirmar que há também uma dificuldade, pois se confunde a noção de cultura com o conceito de cultivar. Quem sabe, o equívoco seja fruto da própria etimologia do substantivo cultura, uma vez que pode salientar a “veneração” (no sentido físico e moral) de atividades, tradições, valores ou de um estilo de vida. Essa interpretação é, por assim dizer, ardilosa e, por isso, sustenta a malfadada hierarquização das culturas.

O substantivo feminino cultura está ligado à ação, processo ou efeito de cultivar a terra. É verdade que, em uma era de virtualidades eletrônicas, a sedução aos “lugares” e “saberes” típicos da terra está perdendo seus encantos. Todavia, trata-se de tempos em que a cultura é uma das categorias centrais da reflexão acadêmica e social. Em nenhum momen-

to da história ocidental, o debate a respeito da questão cultural, intercultural e multicultural foi tão grande. Sem dúvida, há nisso um sinal evidente de que alguma coisa está ocorrendo.

Nesse sentido, o diagnóstico também indica um aspecto interessante. Movemo-nos por entre paradigmas em disputa, e pela ressaca gerada pelos embates entre o pós e o multiculturalismo. Daí, a mudança de foco na direção da perspectiva intercultural. É nesse horizonte que se procura aproveitar e explorar o máximo das contribuições teóricas e conceituais, principalmente diante das controvérsias instauradas pela relação entre as culturas e seus poderes.

Por isso, entre os diagnósticos e as perspectivas de mudança, a temática e suas tensões ligadas à vida social, continuam alimentando os esforços na direção das questões interculturais. Nesse caminhar, novos horizontes se abrem e avançam na direção de um diálogo intercultural. A interculturalidade pressupõe a interdisciplinariedade e a disponibilidade de trânsito por entre-culturas, aspecto que não se resume a evidenciar suas diferenças e as possibilidades de resistência, mas também na sua capacidade de transformações estruturais e profundas.

Por isso, o substantivo cultura está associado ao verbo cultivar (colo, no latim mis antigo), ou seja, “algo que deve ser cultivado”. Se for assim – e resumidamente – o agir deveria realçar o bom, o bonito, o belo e o agradável do diálogo (intercultural, é claro) e jamais o ódio, a injúria, a malevolência, difamação e/ou a repulsão.

Nesta perspectiva, Expressa Extensão se interessa em promover e afiançar, através deste número temático, o debater em torno a novos exercícios metodológicos. Esta perspectiva, no entanto, é carregada da busca incessante de recursos interculturais alternativos as necessidades de mudança social. Cientes estamos que tal tarefa é árdua e infinda, e um bom começo para esta como quaisquer leitura neste sentido é assumir o entre-lugar como um inter-lugar e isto requer abdicar de quaisquer tentativas de comparações culturais. Em outras palavras, no enfrentamento “não só os intentos de conjurar as diferenças, mas também os dilaceramentos que nos habitam” (CANCLINI, 2009, p.25).